

ARQUIVOS E ARTES PERFORMATIVAS MEMÓRIAS, TRANSMISSÃO E CRIAÇÃO

MARIA JOÃO BRILHANTE

INVESTIGADORA DO CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FLUL

INVESTIGADORA RESPONSÁVEL DO PROJECTO ARTHE-ARQUIVAR O TEATRO

(PTDC/ARTPER/7651/2021) DOI 10.54499/PTDC/ART-PER/1651/2021

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 3
NOVEMBRO DE 2024

Os arquivos não são lugares onde se encerram documentos intocáveis e secretos, ali depositados para preservar a lei e a ordem ou testemunhar o passado. São lugares vivos disponíveis para as questões que queremos colocar-lhes e, mais recentemente, para devolverem ao nosso convívio documentos transformados pelos usos inesperados da criação artística.

Entendido como conjunto de documentos, o arquivo guarda os que são produzidos num determinado momento, associados a acontecimentos, a certas práticas envolvidas em circunstâncias que lhes dão um valor ou uma função. Por isso, documentos do passado mais ou menos longínquo que encontramos em arquivos físicos e mais recentemente digitais são olhados, analisados, por nós agora, em busca de compreensão de um passado que nos afecta no presente e de presentes que se desconhecem quando não recompõem os restos (des)ordenados do passado.

O historiador Marc Bloch sublinhou a importância da passagem de recordações através das gerações, possibilitada pela sobrevivência e transmissão de documentos e pelas razões que justificam essa transmissão. Documentos são também monumentos produzidos e deixados para memória futura, para comemorar, tal como as estátuas, os templos ou os edifícios que albergam instituições e significam o reconhecimento identitário da comunidade, ou parte dela.

Um arquivo cria a memória e a identidade de uma sociedade porque congrega os documentos que a comunidade quis e quer preservar, mas, por isso mesmo, o arquivo é também uma criação dessa comunidade. A sua configuração serve os interesses dos que o criaram. É um lugar institucional que alberga um coro de vozes que importa escutar e dar a ouvir.

O trabalho da história faz-se, sobretudo, procurando nos arquivos os documentos do passado que consideramos pertinentes para responder às perguntas do presente. Para isso há que realizar um trabalho arqueológico, escolhendo-os, fazendo a sua descrição, colocando-os em relação uns com os outros, constituindo conjuntos, nas palavras de Michel Foucault, questionando-os.

A ideia de partida para a reflexão que aqui se propõe assenta nessa mobilidade documental do arquivo, na sua permanente recomposição, porque os documentos saem para novos usos e combinações e guardam as marcas dessa circulação. Podemos falar de uma memória do arquivo, quando não de uma história do arquivo. Assim, a relevância do arquivo está no dinamismo que é capaz de criar, no impacto que os seus documentos produzem na comunidade ao surgirem na esfera pública sob diversas formas, intervindo na memória social e colectiva.

Qual a relevância do arquivo para a criação artística contemporânea? Também ela escolhe e propõe inesperados reordenamentos documentais (textos, registos audiovisuais, fotos, objectos) que dialogam com o presente e com as recordações partilhadas pela comunidade ou que constroem a (pós-)memória daquilo que não foi na realidade vivido, mas ressoa nas práticas que prosseguimos ou rompemos.

Arquivar o teatro coloca a questão mais lata sobre em que consiste conservar o rasto estético e artístico da prática teatral através de materialidades muito diversas e de gestos de inclusão e exclusão fortuitos, por vezes obscuros ou motivados pela circunstância artística, económica, sociopolítica da própria criação (e por aqui ligamos o arquivo à génese do processo criativo). Gestos envolvendo múltiplos agentes, convém não esquecer.

Neste número da revista *Sinais de Cena*, para o qual convidámos à submissão de artigos que viessem aprofundar uma discussão onde pontuam autores como Walter Benjamin (1940), Michel Foucault (1969), Jacques Derrida (1995), Diana Taylor (2003), entre outros, levando mais além o pensamento sobre o arquivo referido às artes performativas, reunimos cinco textos para o Dossiê Temático. Respondem ao estímulo lançado para que da revisitação dos arquivos emergissem ao mesmo tempo possíveis formas de lhes dar uso e um conjunto de questões susceptíveis de alargar o estudo das artes performativas a práticas e representações onde o artístico, o social e o político se cruzem.

Uma incursão no arquivo do Museu Nacional do Teatro e da Dança permite a André Murraças recuperar e tornar visível a presença *queer* em programas, fotografias, cartazes e outros documentos, revendo a interpretação histórica dos conteúdos desses materiais e das representações fixadas. Sustentando a ideia de que é preciso “queerizar” os museus e instituições que guardam a memória do espectáculo, para dessa forma combater o apagamento de uma face do teatro e seus agentes que existiu em Portugal, o autor percorre um período largo de 1915 a inícios de 2000, resgatando vidas não creditadas ou incompletamente identificadas que passaram pelos palcos. Pretende-se assim “contribuir para uma futura construção de um arquivo *queer* do teatro português, partindo de um acervo específico”.

Por seu turno, Ricardo Correia propõe-se apresentar uma modalidade de criação que tem sido inspiradora do seu próprio percurso artístico, assente na exploração do arquivo e no método da história oral de forma a re-produzir uma visão política da sociedade contemporânea. Trata-se de analisar os procedimentos de criação de Alecky Blythe, fundadora da companhia de teatro Recorded Delivery, que utiliza o *headphone verbatim theatre* para dar visibilidade a histórias de

uma determinada comunidade através de testemunhos gravados em áudio e escutados em tempo real pelos actores nos auscultadores. São várias as questões suscitadas por esta metodologia de escrita e prática dramaturgica, incluindo implicações éticas e inquirições sobre a autenticidade deste “teatro do real”.

Mais interessado em recuperar nos arquivos informação que permita compreender a transição do modelo de financiamento ao teatro antes e depois do 25 de Abril, Tiago Ivo Cruz reuniu um conjunto documental a partir dos arquivos do Museu Nacional do Teatro e da Dança e da companhia Comuna – Teatro de Pesquisa, bem como de informação colhida em entrevistas. Uma vez analisado, o conjunto fornece um entendimento esclarecedor da relação de forças que aconteceu durante a reestruturação das instituições reguladoras da cultura, nomeadamente o preexistente Fundo de Teatro, e de como os conceitos de teatro independente e de descentralização se tornaram preponderantes e sujeitos a ressignificações no decurso da democratização teatral.

A incursão no arquivo do Teatro da Cornucópia traz à luz documentação burocrática que esta importante companhia profissional produziu durante a sua existência (1973-2016), especialmente em correspondência trocada com órgãos oficiais do Governo, entidades sindicais, fundações, grupos teatrais e outros agentes sociais e culturais. Fábio Marques Belém discorre sobre a importância da preservação dos arquivos das companhias de teatro para a transmissão de informação que permita variadas aproximações à sua actividade administrativa, tantas vezes determinante da artística e estética. No caso do Teatro da Cornucópia, sustenta a pertinência do estudo da documentação burocrática para compreender o processo de construção da identidade da companhia.

Finalmente, neste conjunto tão diverso de textos, seguimos Filipa Magalhães através da sistematização das questões colocadas ao estudo da performance teatro-musical produzida em Portugal nos anos 1970 no seu cruzamento com a documentação arquivística. Mostra-nos a autora por que razão as dimensões idiossincráticas e não-convencionais da performance teatro-música requerem a confluência de gestos de reactivação dos processos criativos e de decifração de documentação por parte dos artistas e técnicos nela envolvidos, documentação essa de que a ciência arquivística cuida para preservação e transmissão, mas cujas relações internas de âmbito artístico não estão ao seu alcance. Discute-se através de ajustado enquadramento teórico “a exequibilidade de salvaguardar a performance no arquivo digital”.

+++

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter (2005), “On the concept of history”, transl. Dennis Redmond, Walter Benjamin Archive [1940]. Consultado a: 01.09.2023, disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/benjamin/1940/history.htm>.
- BLOCH, Marc (1949), “Apologie pour l’histoire ou métier d’historien”, *Cahier des Annales*, 3, Paris, Librairie Armand Colin.
- DERRIDA, Jacques (1995), *Mal d’archive: une impression freudienne*, Paris, Galilée.
- FOUCAULT, Michel (1969), *L’archéologie du savoir*, Paris, Gallimard.
- TAYLOR, Diana (2003), *The archive and the repertoire: performing cultural memory in the Americas*, Durham and London, Duke University Press.

